

PRÁTICAS COTIDIANAS NO ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA REFLEXÕES POSSÍVEIS E APLICABILIDADES

Gleideston Rodrigues dos Santos
Licenciado em História e Mestre em Geografia Humana pela
Universidade Federal de Sergipe
rgleideston@yahoo.com.br

O conhecimento da vida cotidiana muitas vezes nos leva a situações inusitadas na pesquisa de campo. Isto porque ela se expressa em todas as atividades do fazer humano e, principalmente, nas coisas mais corriqueiras do seu dia-a-dia. É no cotidiano onde são reveladas as sobrevivências de costumes e tradições herdadas dos antepassados, as quais são preservadas no imaginário e na memória. Dessa forma, o cotidiano torna-se um campo fértil para o entendimento da realidade. Apesar desta constatação só recentemente essa temática foi aceita e incorporada na grade de produção do conhecimento social tendo em vista a resistência travada por muitos pesquisadores, bem como em função das dificuldades metodológicas existentes nesse campo de estudos.

Mesmo assim, tem-se observado que ultimamente os estudos do cotidiano estão em evidência, tendo em vista a necessidade de se repensar o fazer acadêmico nas ciências humanas motivadas pelas transformações epistemológicas verificadas nas últimas décadas. Esse é o liame do presente artigo. Discutir brevemente os novos caminhos epistemológicos no âmbito das pesquisas em ciências humanas, assim como apresentar as principais dificuldades sentidas pelos novos pesquisadores quando da realização de suas pesquisas.

A idéia de fragmentação do espaço e do tempo, bastante presente em muitas análises contemporâneas da teoria social nos remete a uma questão mais ampla que é a da crise da Teoria do Conhecimento. A Geografia, a História e as demais ciências humanas sofrem os abalos de um novo mundo cada vez mais fluido, e aparentemente desconexo e inquietante, onde os conceitos teoricamente fixos e totalizantes já não mais dão conta da realidade. Epistemologicamente, fala-se de uma crise da Razão e dos pressupostos herdados da Modernidade. Por outro lado, a constatação de uma crise da Razão faz emergir, de maneira evidente, a idéia da fragmentação. Essa é uma observação feita com muita propriedade por Adauto Novaes (1996 p.14) na busca de uma compreensão filosófica para a “lógica atormentada”:

a crise imposta pelo espírito científico teria condições de ganhar uma resposta a partir do instrumental clássico de análise de que dispomos? Tal resposta não deveria levar em conta – como um dado inegável – a própria idéia de fragmentação do espaço, do tempo, da política e do próprio pensamento?

De fato, não se pode pensar a teoria desvinculada da realidade. Esta, sempre em movimento, excede sempre os limites das construções teóricas reducionistas. Talvez isso já pudesse, por si só, abrir caminho para a compreensão do estágio atual dos debates sobre a contemporaneidade. E falando sobre o mundo contemporâneo, nada mais apropriado e recorrente do que dizer tal qual Berman (1986) parafraseando Marx: “tudo que é sólido desmancha no ar”.

Contudo, para objetivos deste trabalho interessa apenas captar os significados mais gerais da fragmentação do Espaço e do Tempo no mundo contemporâneo, bem como a discussão em termos da teoria social, das possibilidades de apreensão desse processo pela via da utilização de um instrumental teórico que extrapole o limite do estritamente geográfico e/ou histórico. Isso porque partimos do pressuposto de uma realidade multidimensional onde as relações estabelecidas em sociedade e concretizadas no tempo-espaço são estruturadas como um todo complexo, onde está o geográfico, o histórico, o antropólogo e demais aspectos. Portanto, cabe ao pesquisador da vida cotidiana fazer um corte teórico, mas sem desconsiderar na análise essa totalidade que permeia o objeto, que, em última instância é o homem.

Talvez um dos grandes trunfos da contemporaneidade, em se falando da produção do conhecimento, seja a necessidade premente do abandono ao reducionismo. No que tange a Geografia e à História observa-se que tem havido um esforço cada vez mais evidente na busca da compreensão da realidade tomando-se conceitos consagrados de outros ramos do saber. É o caso, por exemplo, de conceitos de Cultura e Cotidiano antes restritos à Antropologia; ou então revestindo de significados mais amplos conceitos como o de Espaço, Lugar e Região. Isso é necessário tendo em vista que os conceitos são flexíveis diante da (des)ordem do mundo e isso exige do pesquisador olhares diversos sobre o mesmo. Acerca da necessidade de múltiplos olhares sobre o mundo cito Morin (1996 p. 195)

A primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem: um amontoado de estrelas, dispersos ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, imperturbável... mas vem um terceiro olhar: vem pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; ... Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem; É necessária a binocularidade mental.

Destarte, a conjunção interdisciplinar na busca da compreensão da realidade é por demais, bem-vinda. No que diz respeito à produção do conhecimento geográfico e histórico tem-se que cada vez mais são realizados avanços no seu campo conceitual e metodológico. Estudos que enfatizam o cotidiano, o banal, a micro-história estão entre os mais requisitados nessa busca de compreensão do nosso tempo, o qual é atravessado pelos fluxos da pós-modernidade exigindo, portanto, que o pesquisador lance mão de recursos documentais e abordagens antes não tão utilizadas: o cinema, a mídia, anedotários, música, charges etc. Todos esses documentos exigem também recortes temáticos apropriados aos mesmos e requer da parte do pesquisador perícia e sensibilidade no trato com a realidade espaço-temporal.

O COTIDIANO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: Fragmentos e totalidade

A freqüente utilização da temática da vida cotidiana nas ciências humanas está associada ao alargamento do eixo analítico das mesmas para outros campos de estudos antes desprezados - propositadamente ou não - do seu campo de abrangência. E esse desvio epistemológico que está associado, como disse à "crise da Modernidade", teve como pano de fundo a crítica ao Racionalismo e mesmo abandono às grandes sínteses, mas principalmente pela utilização do fragmentário, do irracional, do senso comum enquanto elementos de um novo instrumental de conhecimentos. (HALLI, 2003; HARVEY, 2005)

Enceto e ambaso esta exposição em uma constatação de Lefebvre (1991, p.68), quando se refere à reafirmação do conceito de cotidiano, ante a transformação do mundo moderno:

Não existe escolha entre a modernidade e a cotidianidade. O conceito de cotidiano se modifica, mas essa modificação o confirma e o reforça... “O cotidiano, no mundo moderno, deixa de ser “sujeito” (rico de subjetividade possível) para se tornar ‘objeto’ (objeto da organização social). Enquanto objeto de reflexão, longe de desaparecer, ele, ao contrário, se reafirmou e se consolidou.

Essa afirmação peremptória do autor que deve ser entendida como resultado de um amadurecimento teórico que se prolongou por décadas foi pontilhado de avanços e recuos. Para Lefebvre a vida cotidiana é o palco onde se desenvolvem os mecanismos de dominação da sociedade capitalista e, enquanto tal, a regulação da vida social passaria necessariamente pelo que denominou de “cotidiano programado” ou alienação de vida. Isso é importante quando se considera que as manifestações sociais mais corriqueiras da vida em sociedade podem ser reveladoras dos liames mais profundos das relações estabelecidas ao longo do tempo-espaço e, portanto, a preservação da identidade cultural, da topofilia e da territorialidade perpassa pela manutenção dos sentimentos, das tradições e da memória de uma comunidade.

Quando pensamos em preservação da memória isso não significa um isolamento com o mundo, uma parada no tempo. Muito pelo contrário, o cotidiano é também um espaço de mudanças. É verdade, contudo, que a fluidez do acontecer diário e até mesmo a repetição de gestos e atitudes sociais escapam à homogeneização da vida e/ou à submissão a uma sociedade onde o descartável e o substituível são cada vez mais aceitos. Essa aparente contradição é equacionada na medida em que se aceita que alguns objetos do cotidiano devem necessariamente se modificar. Ainda segundo Lefebvre (1996, p. 69), [enquanto] “a memória é um processo cumulativo... o cotidiano não tem esse caráter de acumulação evolutiva”. O uso social do corpo muda no decorrer dos séculos; o gestual se modifica, as expressões físicas, enquanto conjuntos significantes (gestos, caretas, mímicas), se transformam, mas o corpo não se metamorfoseia. Diante disso, como buscar então a memória no cotidiano? Tomando ainda Lefebvre temos que,

O número de objetos que verdadeiramente se podem utilizar na vida cotidiana não pode crescer indefinidamente... sem poder escapar inteiramente das conseqüências das acumulações, o cotidiano recebe delas nada mais que um reflexo. Ele evolui (quando se transforma) segundo ritmo, que não coincidem com o tempo da acumulação, e em espaços que não se identificam com os campos dos processos cumulativos. Isso permite crer numa estrita continuidade da casa, do lar, da cidade.

Esse caráter mutante e ao mesmo tempo permanente confere à vida cotidiana uma ampla possibilidade de resistência à submissão ao efêmero do mundo contemporâneo. Basta observamos que nas pequenas comunidades rurais, apesar da “inundação” dos televisores e parabólicas, os ritmos da vida e das idéias se embasam em outros paradigmas que destoam do ritmo imposto pela vida urbana. É verdade que a produção da vida material os aproxima mais dos modelos da sociedade urbano-industrial, do mercado e das finanças. Mas as idéias e, a visão de mundo do homem do campo ainda é permeada de elementos da sua cotidianidade, tais como a rotina de trabalho, a roça, a perspectiva de chuva, a colheita etc.

Evidentemente que a contribuição Lefebvriana sobre a análise do cotidiano é por demais rica e complexa de maneira que abrange diversos enfoques sobre o mesmo. Contudo, para o que se expõe aqui, o pensamento desse autor contribui de modo incisivo para alargamento das fronteiras do conhecimento, bem como para a compreensão das relações estabelecidas no espaço e no tempo. Seus escritos, de modo geral apontam para a necessidade de se pensar a vida cotidiana enquanto lugar social. Assim, o enfoque marcadamente político que é dado ao cotidiano não exclui os elementos culturais como a festa, a música, a linguagem, entre outros.

Outro expoente na temática da vida cotidiana é Michel de Certeau (1996). Embora sua obra mais importante sobre o tema não esteja restrita a geografia ou a história ela nos oferece elementos fundamentais para o aprofundamento do assunto, na medida em que para esse autor, o cotidiano é inventado por “mil maneiras de fazer” nas práticas sociais.

Certeau (1996, p.202) define o espaço como lugar de relações e práticas cotidianas. Nesse sentido, o espaço é o lugar praticado [portanto] existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção quantidade, de velocidade e variável de tempo. O Espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram... é o efeito produzido pelas operações que o orientem, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.

Tal como em Lefebvre o ponto central da análise de Michel de Certeau é a possibilidade de se romper relações impostas pelas estruturas de poder na sociedade pela via de táticas praticantes, ou seja, “das práticas cotidianas tais como falar, ler, circular, fazer compras etc. que mesmo fragmentárias, se insinuam no espaço organizado e sistemático constituindo-se em estratégias de contraposição e, por conseguinte, de mudanças”. Portanto, Certeau aponta para as maneiras de fazer – as mil práticas pelos quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-culturais como uma “contrapartida do lado dos consumidores dos processos mudos que organizam a ordenação sócio - política”. Dessa forma, para esse autor os “modos de proceder da criatividade humana” compõem-se aos paradoxos da ordenação social, o que os remete à antidisciplina lefebvriana.

Apesar da influência marcante de Michel Foucault em seus escritos, Michel de Certeau busca um caminho oposto àquele na medida em que tenta “exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pelas criatividade dispersas, táticas bricoladoras dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes de vigilância”.

Ainda dentro dessa linha de análise do cotidiano em seus aspectos políticos temos em Agnes Heller (1992) um ponto de apoio teórico fundamental. Para Heller, a vida cotidiana se revela como lócus de resistência às formas alienantes do mundo da produção, embora não subtraia a proximidade sempre presente entre a alienação e o cotidiano. Um fenômeno bastante discutido na teoria social contemporânea, - a desterritorialização, pode ser interpretada, dessa forma, como alienação das práticas espaciais no cotidiano quando nos referimos, por exemplo, a homogeneização da vida, dos gostos, dos usos etc. Mas como diz Heller “a vida cotidiana está carregada de alternativas, de escolhas, de espontaneidades que motivam as atividades particulares dos indivíduos”. É justamente isso que abre a possibilidade de subversão ao estabelecido ou ao que se quer estabelecer. Portanto, a estrutura da vida cotidiana, diz Heller, “embora constitua indubitavelmente um terreno propício à alienação... [desterritorialização?]...”, não é de nenhum modo necessariamente

alienada, [pois]... “quanto mais for a alienação produzida pela estrutura econômica de uma sociedade dada, tanto mais a vida cotidiana irradiará na própria alienação para as demais esferas”.

Essa breve discussão teórica sobre a temática do cotidiano nos mostra o seu grau de complexidade conceitual. Ao mesmo tempo mostra a riqueza metodológica que ela oferece. A maioria das pesquisas realizadas dentro desse campo de estudo, além de aproximarem mais o pesquisador do mundo real em análise, são também prazerosas de fazer.

A PESQUISA SOBRE A VIDA COTIDIANA E SEUS PRINCIPAIS PROBLEMAS

Evidente que a presente discussão acerca da temática da vida cotidiana e de sua utilização na produção do conhecimento exige uma metodologia específica como dissemos acima. Mesmo os pesquisadores mais experientes entendem que o trabalho sobre o cotidiano apresenta sérios riscos de generalização. A observação de fatos cotidianos, por exemplo, em uma comunidade ou grupo requer isenção sem, contudo, neutralidade. Essa dificuldade é ainda mais presente quando se lida com as pesquisas rápidas que os alunos de graduação em ciências humanas costumam fazer durante o semestre letivo. No dia-a-dia o que se observa entre os alunos, quando requisitados à pesquisa é que muitas vezes eles não chegam a resultados melhores em função de uma série de limitações que são resultantes de uma formação deficitária sobre a temática aqui discutida ou - o que é pior - devido a não haver em seus respectivos cursos programas que estimulem a realização de pesquisas. Quando há, eles são exigidos nas matérias finais, como requisito parcial dos créditos, os famosos TCCs. A feitura destes expõe, na maioria das vezes, o aluno ao vexame de fazer e apresentar trabalhos muito provisórios sem o domínio devido de uma fundamentação teórica consistente apesar do esforço do professor orientador. Talvez esses sejam os motivos da resistência dos mesmos para a consecução desses trabalhos.

Mas outros problemas podem ser elencados no que toca a pesquisa da vida cotidiana. Talvez o mais comum seja a confusão conceitual. Muitos confundem cotidiano com as tarefas diárias. Não compreendem que as práticas cotidianas são repositórias da memória social e que, por isso, o pesquisador não deve ater-se ao visível, e aparente. E aí surge outra dificuldade: o não-treino para “ver” o invisível. Assim, o que ocorre, utilizando-me aqui de um chavão acadêmico, é ser “encantado pelo canto da sereia”, ou seja, cair nas generalizações. No que tange a material e métodos de pesquisa o problema se complica ainda mais, tendo em vista que em estudos do cotidiano a coleta de fontes é oriunda de entrevistas com membros de um grupo ou comunidade. Assim, lidar com a oralidade não é tarefa fácil. É preciso saber utilizar bem os discursos coletados. É preciso ter, acima de tudo, sensibilidade, não só durante a pesquisa para não induzir o entrevistado na direção do que se quer compreender, quando no momento de analisar os seus discursos. Evitar o academicismo ou generalizações e ler as entrelinhas são, em suma, os problemas mais corriqueiros. Há, entretanto, aquele que acredito ser o mais difícil de solucionar. Problema esse que só os “iniciados” conseguem superar. Trata-se da questão do contato com os entrevistados. Aqui se requer um verdadeiro ritual de passagem.

Sobre esse aspecto lembro-me de uma pesquisa realizada por mim, Santos, (1999) à época do mestrado. Um dia, numa comunidade onde eu estava pesquisando as coisas do cotidiano do lugar, encontrei num final de tarde um lavrador sentado em troncos transformados em assentos em frente da sua casa. Na minha ânsia para desvendar os

mistérios do seu cotidiano perguntei, de chofre, como era a sua vida diária desde o amanhecer. A resposta foi precisa: “Quando acordo como uma jaca inteira!” Imediatamente caímos na risada e depois dessa conversa eu tinha um enorme problema para resolver. Fiquei remoendo aquilo durante muito tempo para entender o significado daquela resposta. Ao mesmo tempo percebi o quanto estava distante daquele universo que queria desvendar. Só depois de muito tempo pude adentrar naquele mistério. Por que comer uma jaca e não um pastel, uma pizza ou um sanduíche? Havia algo escondido sobre o qual eu não entendia, pois não compartilhava das suas práticas cotidianas. Foi preciso um bom tempo para entender. Aquela prática cotidiana do lavrador tinha, para ele, uma razão de ser. Por certo foi herdada de seus antepassados. Esta é uma pequena amostra das dificuldades que se tem numa pesquisa de campo. Mas há outras. É preciso saber buscar, nesses tipos de trabalhos em comunidades, as pessoas mais antigas do lugar ou aquelas mais influentes, as quais servem como “porta de entrada” na comunidade. Ou seja, é preciso ser introduzido no grupo, caso contrário, o pesquisador será “o estranho”, o quem de vem fora, o intruso, e, nesse sentido, percebe-se que o mesmo mantém-se distante daquilo que quer entender.

Porque a prática de pesquisa não é exercitada pelos estudantes no decorrer do seu curso eles não conseguem quase sempre bons resultados em suas pesquisas mais corriqueiras. Que dizer de pesquisas de campo, que lidam com a oralidade, os silêncios e desvios de olhar? Platão na sua teoria do conhecimento já nos ensina que os sentidos enganam; que é preciso adentrar na essência arquetípica (eidos) das coisas. Talvez, essa seja a melhor forma de expressar a perplexidade que se sente na busca de compreensão do cotidiano no contexto atual, que no dizer de Castells (1999) trata-se de um tempo intemporal e de um espaço de fluxos.

BIBLIOGRAFIA

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5ª Ed. São Paulo: Paz e Terra. v. 2. , 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 200.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 14ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996.

NOVAIS, Adauto. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Gleideston Rodrigues dos. **Então eu penso que as coisas são como havera de ser: o cotidiano dos pequenos citricultores de Sergipe**. São Cristóvão/Se: NPGeo/UFS, 1999 (Dissertação de mestrado).